



O corpo transmasculino como um campo de batalha: espaços de narrativas e construções tecno-semióticas.

Kaio Souza Lemos

De todo modo você tem um (ou vários), [...] mas de todo modo você faz um, não pode desejar sem fazê-lo – e ele espera por você, é um exercício, uma experimentação inevitável, já feita no momento em que você a empreende, não ainda efetuada se você não a começou. [...] Ele é não-desejo, mas também desejo. Não é uma noção, um conceito, mas antes uma prática, um conjunto de práticas. (DELEUZE & GUATTARI, 2012, p. 11 - 12)

Representações do masculino na experiência transmasculina

Este texto aborda uma análise crítica dos processos de identidade Transmasculina através das experiências e práticas discursivas, das vivências e principalmente da construção do corpo transmasculino. Vivenciamos o contexto de que a identidade Transmasculina resulta em demarcar os limites entre corpos e identidades nos processos de subjetividades, sociais e culturais. Os estudos identitários, especificamente os estudos das transexualidades e dos corpos, vivenciados por muitos anos sobre o domínio das ciências médicas e biológicas, começam a se fazer presentes nas demais ciências e nas artes de viver (FOUCAULT, 2009), mediante a busca pela visibilidade política, social e cultural dos movimentos organizados trans, refletindo também nas redes midiáticas (BENTO, 2005; ARÁN, 2016).

No entanto, mesmo com avanços, ainda predominam os discursos e produções identitários e de corpos nos âmbitos médico, psiquiátrico, psicológico e jurídicos. Mesmo com a retirada da transexualidade e travestilidade da categoria de transtornos mentais da Classificação Internacional de Doenças (CID-10, F64-0¹), ainda estamos sobre domínio e controle de equipes médicas, da manipulação farmacológica e de uma

¹ http://www.medicinanet.com.br/cid10/1554/f64_transtornos_da_identidade_sexual.htm – Acessado dia 23/10/2019.



sociedade CISHETERONORMATIVA² que caminha aos passos do que chamam de “verdade irrefutável” negando a identidade e o corpo trans. Nessa sociedade do espetáculo, onde tudo se vê, onde tudo é apresentado e tudo é performatizado, vai se construindo o corpo do homem trans. No CID-11³, a transexualidade passa a ser interpretada e relacionada “à saúde sexual”, sendo classificada como “incongruência de gênero” (MARTINELLI, 2018). Nesses processos, os corpos passam a ser categorizados, conceituados, apontados como: “Pre-operados, pós-operados, hormonizados, depilados, retocados, siliconados, inconclusos, desfeitos e refeitos, arquivos vivos de histórias de exclusão. Corpos que embaralham as fronteiras entre o natural e o artificial” (BENTO, 2005, p. 19).

Nesse cenário, da busca e compreensão do corpo transmasculino, me deparo com a realidade de uma experiência trans como reprodutora de estereótipos de gênero, mas ao mesmo tempo criadora de suas performances, e é nessa problemática que vamos nos debruçar. Para isso, se faz necessário evocar autores como Monte (2012), discutindo a vertente da identidade sob o “efeito do jogo de imposições pós-modernos”, interagindo com os processos tecnológicos de gênero, com as informações e comunicações sociais e culturais e um forte desejo de consumo. Diferentemente da relação identitária, Monte (2012, p. 166) observa a sexualidade da seguinte forma: “[...] Vivemos numa matriz heterossexual em que, no mundo social, os gêneros devem desejar o sexo oposto”. Outro diálogo importante é a crítica feita entre Batista (2004) e Stuart Hall sobre identidade cultural e hermenêutica acerca da literatura de Isabel Allende, afirmando que “[...] uma identidade que seja pura é um equívoco nos dias atuais”. Começamos a perceber o conceito de identidade e corpos como múltiplos. No entanto, o que significa ser transmasculino e ter um corpo transmasculino? Bento (2005, p. 42) vai dizer que essa construção está imbricada em “duas vertentes de produção de conhecimento: o desenvolvimento de teorias sobre o funcionamento endocrinológico do corpo e as teorias que destacaram o papel da educação na Formação da identidade de gênero”. Nesse sentido, a identidade e o corpo transmasculino vão vivenciando a experiência de, por exemplo, em 1973, ser lido e tido como “disforia de gênero”,

²De acordo com Jaqueline de Jesus (2012): “um conceito que abarca as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi determinado no momento de seu nascimento, ou seja, as pessoas não-transgênero” e pessoas heterossexuais.

³<http://sbmn.org.br/confira-a-cid-11-disponibilizada-pela-oms/> - Acessado dia 23/10/2019.



enclausurado na patologia, necessitando de acompanhamento físico e mental, na busca do diagnóstico do “verdadeiro transexual” (BENTO, 2005, p. 43). Já a definição da Organização Mundial da Saúde diz que: “Um termo genérico para todas as pessoas cujo sentido interno do seu sexo (sua identidade de gênero) é diferente do sexo que foram atribuídos no nascimento” (WHO, 2015, p. 4). E quanto a nós, homens trans, o que dizemos sobre nossa identidade e nossos corpos? Para nós, transmasculinidades e corpos transmasculinos derivam em diferentes modos de percepção e em diferentes práticas e experiências. Somos alguém que ao nascer foi imputado às práticas e experiências do universo feminino mediante a genitália lida e tida como feminina. Nesse sentido, utilizamos o termo homem-trans devido ao processo de transição deste homem.

Mesmo vivendo na infância uma imposição cultural, social e familiar de performance e performatividades do feminino, é vivido também em subjetividades a identidade e o corpo masculino, quando é percebido e se identificam com os signos e símbolos masculinos, ou seja, tanto o corpo transmasculino como o cismasculino vivenciam o universo de ser homem através de signos e símbolos. No entanto, os transmasculinos vivenciam a desconstrução de um corpo e ao mesmo tempo injetam outro e com isso promovem mudanças corporais dentre as tecnologias como roupas e sapatos, aplicações hormonais, cortes de cabelos, voz, pelos, ter e/ou desenvolver um pênis e cirurgias. Dito isto, é perceptível a identidade e o corpo transmasculino vivenciado em processos múltiplos de subjetividades masculinas.

Muitas vezes, determinados papéis estão vinculados à identidade masculina, como: ter pênis, possuir cromossomos XY, massa muscular, estatura, pelos e principalmente barba. No entanto, esses papéis se deram socialmente, culturalmente e unicamente ao homem cis-gênero. Casos contrários eram inadmissíveis. O discurso médico diz que é preciso nascer homem cis para ter essa fisionomia e características e Santos, Rios e Jesus (2011) apontam outras características que se configuram como peças chaves na ideologia machista que é a regulação das emoções e o ser viril, o controle das expressões e a ideia do ser dominante.

Segundo Pimentel (2010), ser homem no século XIX significava “não ser mulher”, também não ser homossexual. Nesse sentido, tinham como base padrão a forma de vestir, de andar, corpo e voz. O modelo padrão cisheteronormativo tornando a identidade e o corpo masculino de autonomia CIS. Contudo, a identidade



Transmasculina e o corpo trans ultrapassam o biológico, se inventam e/ou reinventam a partir de suas vivências. Transmasculinidades significa dizer transições em masculinidades, ou seja, uma transição em uma masculinidade já existente, porém invisibilizada pelo padrão cisheteronormativo.

Processos de montagens e pertencimentos

Determinados corpos trans no Brasil nasceram e ainda nascem a partir da Portaria nº 2.803⁴ do Ministério da Saúde, em 2013, que reformula e regulamenta o Processo Transexualizador (hormonioterapia, mastectomia e histerectomia para homens trans) e o tratamento psicológico. A equipe profissional se constitui da seguinte forma: psicólogos, endocrinologistas, fonoaudiólogos e cirurgiões que auxiliam no processo de transição corporal (ROZÁRIO, 2016). Um outro nascimento se dá também pelo uso do nome social das pessoas trans, tanto no cartão SUS como nos prontuários de atendimento, por meio da Portaria nº 1.820⁵, de 13 de agosto de 2009 (BRASIL, 2009). Esses nascimentos decorrem do auto reconhecimento da identidade trans pelos próprios sujeitos trans, e são apoiados pelo atendimento de suas necessidades de modificações corporais ou de atendimento psicoterapêutico, caso o sujeito deseje.

Compreender os processos do corpo é compreender não só o viés da medicina, também outras epistemes, como “a difícil arte de se montar” e de se construir mediante participação tecnológica ou com suas “tecnologias nativas”. É conhecer os processos “do fazer gênero” mediante criações de “órgãos, próteses e tecnologias”. É a figura “ciborgue” citada por Donna Haraway (1985) em “Um Manifesto Ciborgue”, também na atuação de Silva e Hall (2013, p. 9) quando diz que “A identidade é relacional marcada pela diferença e sustentada pela exclusão. O corpo é um dos locais envolvidos no estabelecimento das fronteiras que definem a identidade”.

Um das tecnologias vivenciadas e/ou percebidas (*falo “percebidas” no sentido de um fenômeno que é almejado, porém por determinadas situações conflituosas não se concretizam*) e mais criticada é a cirurgia de redesignação sexual, por dizerem que é uma réplica do modelo cisheteronormativo. Ao contrário, mesmo binários, os homens trans se deslocam do modelo cisgênero, assim como a parcela de

⁴ http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2013/prt2803_19_11_2013.html – Acessado dia 23/11/2019.

⁵ https://conselho.saude.gov.br/ultimas_noticias/2009/01_set_carta.pdf – Acessado dia 23/11/2019.



homens trans heterossexuais também se desloca da heterossexualidade falocêntrica a partir dos seguintes entendimentos: 1) ressignificando a genitália (através da linguagem e novas epistemes, ex: no mundo ocidental a genitália biológica dita e lita como feminina – vagina – passa a receber a leitura de pênis) e 2) processos de montagens e pertencimentos do corpo: próteses tecnológicas de gênero, produtoras de subjetividades. Todas as tecnologias cirúrgicas citadas são vividas a partir do sentir, sentir – “eu!”. A identidade e o corpo transmasculino não resultam unicamente dos processos tecnológicos, e sim da descentralização da cisheteronormatividade que domina as subjetividades.

Embora o movimento transmasculino a nível nacional tenha um protagonismo ainda recente, conquistamos nos últimos anos direitos e espaços nos serviços SUS (Sistema Único de Saúde), principalmente no dispositivo ambulatorio transexualizador que tem por objetivo amparar e garantir políticas públicas de saúde. No entanto, ainda são grandes os desafios e as dificuldades encontradas nos diversos estados do Brasil. Uma delas, narrada pela grande maioria de nós, homes trans, que sai em busca de atendimento, é deparar-se com a dura realidade de não acesso à cirurgia de neofaloplastia e/ou metoidioplastia, o que significa uma “[...] desigualdade na produção de tecnologias para intervenção nos corpos de homens trans” (ROCON, 2018, p. 51), mesmo com as observações de Almeida (2012), que percebe os homens trans como um grupo que tem se destacado muito no cenário público.

Os diversos processos da construção do corpo de um homem trans não são fomentados unicamente em construções cirúrgicas e/ou farmacológicas, existem os processos sociais que o constroem a partir de outros eixos, como o direito de ter seu nome respeitado. O que estou querendo dizer é que os processos sociais são movidos por reconhecimentos, sejam eles de performances ou de performatividades, e essas relações penetram no corpo e todo esse fenômeno se move em uma carga de símbolos culturais apresentadas no corpo que vão apontar os signos ditos e lidos pela sociedade como femininos ou masculinos, pois um corpo não mais é que uma construção do olhar do outro que comunica coisas específicas do universo mulher e homem (LE BRETON, 2013).

O que definiria então um corpo transmasculino? As práticas discursivas de mudanças e modificações. São corpos que vivenciam constantes mudanças e modificações, abarcando desde uma nova leitura de si mesmos – reivindicação de



pronomes masculinos, de um nome, de documentos novos, ou somente do reconhecimento externo de sua identidade transmasculina – até modificações corporais – hormonização e possíveis cirurgias, considerando que a realização de modificações *corporais* não está obrigatoriamente conectada com a constituição das transmasculinidades. As mudanças e modificações a que me refiro são discursivas. As mudanças corporais que citei decorrem destas. E o que não definiria um corpo de um homem trans? Dizer que “modificações corporais são procedimentos nos quais os homens trans visam alcançar o corpo idealizado, muitas vezes, relacionado a um padrão de corpo cisgênero masculino” (SOUZA & IRIART, 2018, p. 5).

Homens trans não idealizam um corpo de um homem cis, homens trans idealizam seu corpo de homem. Sendo assim, na lógica da análise: ser homens trans não está embutido em uma réplica ou cópia de ser um homem cisgênero, muito menos na ideia de “homem diferente”; só nos resta a reflexão de que o corpo do homem trans nos instiga a pensar as “diversas masculinidades e diversos corpos” nos processos estilizados das performatividades. E esse mesmo homem trans utiliza as diversas técnicas corporais, sim diversas, até porque não existe somente um tipo de técnica corporal, que produz modificações dos signos ditos e lidos como femininos, operando o corpo e o discurso do corpo, mediante seu corpo (REGO, 2014), e Butler reforça:

[...] o efeito do gênero se produz pela estilização do corpo e deve ser entendido, conseqüentemente, como a forma corriqueira pela qual os gestos, movimentos e estilos corporais de vários tipos constituem a ilusão de um eu permanente marcado pelo gênero. (BUTLER, 2003, p. 200)

Discutir políticas de homem trans é discutir a política de masculinidades positivas no sentido de que, mediante a produção do corpo masculino, tanto negado pela cisheteronorma, existe uma identidade que o evidencia e força essa mesma sociedade, apresentando outros corpos e outras masculinidades. Até porque, para nós, homens trans, a identidade masculina representa felicidade e pertencimento. É fato que as mudanças corporais dos homens trans surgem mediante os processos de pertencimentos identitários, mas fato ainda são os conceitos simbólicos culturais e sociais do corpo (SOUZA; VIANA; VALE, 2015). E o corpo produz gênero [homem trans sujeitos da



discussão] e o corpo produz masculinidade mediante signos e símbolos realizando o design corporal mediante as cirurgias simbólicas que produzem modificações corporais e identitárias (LE BRETON, 2013).

Na amplidão e extensão do que se entende por performance, me detenho em uma só: o momento da exposição, aquilo ou aquele que vemos; um corpo exposto, criado ou sendo criado e ao ser criado apresentando processos de criação e essa criação não é nada mais e nem menos que “sua criação”. Surge feitura de sua criação, não falo de passe de mágica, e sim a partir de suas transições, de suas mudanças. Surge a figura; está lá exposto, é possível vermos sua presença. Isso é o que entendo por performance: a força da criação (subjetividade) misturada à sua forma, emergindo sua identidade (performatividade). Esses processos muitas vezes são articulados, outros não, e esses processos são desejados e almejados, mesmo em situações contrárias, mesmo que digam que sejam impossíveis. Mas existem subjetividades, como já havia escrito logo acima, existe o desejo de pertencer, e todos esses processos são processos transformadores e que desafiam.

Diante do apresentado relacionado à performance e performatividade dos homens trans, através dos processos transitórios, subjetividades, pertencimentos e das artes da vida, das imagens, das formas, dos rituais de passagens e das liminaridade, temos por objetivo aqui discutir os processos que desconstroem e constroem corpos a partir de seus construtos. São domínios que estão imbricados uns nos outros produzindo seu limiar; o limiar da performance, segundo a reflexão de Victor Turner (1976) em “O processo ritual”, quando ele toma para si os apontamentos de Arnold Van Gennep, outro antropólogo, que escreve sobre ritos de passagem. O que os antropólogos citados nos dizem é que existem processos que separam, processos transitórios e processos que integram e/ou incorporam e entre esses processos está a liminaridade, entre um e outro estado, sem o pertencimento social. E o surgimento dessa performance, o nascimento dela, o momento da criação, de onde vem? Em vias de regras, ela surge primeiramente no momento em que nascemos, mediante uma leitura biológica do que é “macho” e do que é “fêmea”, mas e quando o universo do sujeito e suas subjetividades não está composto na performance criada? Nesse sentido, veremos um outro processo de nascimento, não mais em um ventre, não mais pelas mãos de parteiras(os) e/ou médicas(os), não mais por esse processo ordenado, e sim pela via da subjetividade, da performance ancorada na performatividade. Nesses processos de “vias” acontecem as



desconstruções e em seguida as construções.

Referências

- ARAN, Márcia. A transexualidade e a gramática normativa do sistema sexo-gênero. *Ágora* (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 49-63, June, 2006.
- BATISTA, J.G. A identidade cultural na pós-modernidade, 2004 Disponível em: <https://www.researchgate.net> Acesso em 21 outubro. 2019
- BENTO, B. A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria n.o 1.820, de 13 de agosto de 2009. Dispõe sobre os direitos e deveres dos usuários da saúde. 2009. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2009/prt1820_13_08_2009.html. Acesso em 21 outubro. 2019.
- BUTLER, Judith. Problemas de gênero: Feminismo e subversão de identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia 2. São Paulo: Editora 34, 2012.
- JESUS, J. G. de. Crianças Trans: memórias e desafios teóricos. In: Seminário Enlaçando Sexualidades. Anais do III Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades. Salvador: UNEB, 2013. 156 p.
- MARTINELLI, A. Após 28 anos, OMS deixa de classificar transexualidade como doença mental. Disponível em https://www.huffpostbrasil.com/2018/06/18/apos-28-anos-transexualidade-deixa-de-ser-classificada-como-doenca-pela-oms_a_23462157/1/7. Acesso em outubro de 2019.
- MONTE, S. da S. A identidade do sujeito na pós-modernidade: algumas reflexões. *Rev. Fórum Identidades*. Itabaiana: GEPIADDE, Ano 6, v. 12, jul-dez., 2012.
- LE BRETON, David. Adeus ao Corpo. 6. ed. São Paulo: Papyrus, 2013.
- PIMENTEL, A. Cuidado paterno e enfrentamento da violência. SP : Summus, 2008.
- REGO, Francisco Cleiton Vieira Silva. Hipertrofia muscular como expressão da masculinidade entre homens transexuais: Masculinidade e ética antropológica. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 29, 2014, Natal. Anais Natal: 2014. Disponível em: http://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1401924790_ARQUIVO_REGO,FC



VS_GT24_HIPERTROFIAMUSCULAR.pdf>. Acesso em: 23 outubro 2018.

ROZÁRIO, E. S. B. do. Para além das plumas e paetês: a atuação do movimento LGBT de Belém-PA no enfrentamento à LGBTfobia. 165 p. Dissertação (Mestrado) -, Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Universidade Federal do Pará, 2016.

SOUSA, Diogo; IRIART, Jorge. “Viver dignamente”: necessidades e demandas de saúde de homens trans em Salvador, Bahia, Brasil. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 34, n. 10, e00036318, 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2018001005007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 23 outubro. 2019.

SOUSA, Eduardo Sergio; VIANA, Alba Jean Batista; VALE, Johnatan Marques. Os homens trans e a corporeidade: o complexo fenômeno da busca do sujeito social masculino. In: BRASIL. Ministério da Saúde. Transexualidade e Travestilidade na Saúde. Brasília, 2015. p. 11-127.

WHO - World Health Organization. Policy brief: Transgender people and HIV. Geneva, Switzerland: WHO Press, 2015.